

Construções de “SE-passivo” na história do português e a posição de sujeitos e complementos^{*}

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante^{} & Maria Clara Paixão de Sousa[#]*

^{*}Universidade Federal do Rio de Janeiro

[#]Universidade de São Paulo

Abstract

This paper brings the evolution of the position of arguments in three different constructions – indefinite-SE, canonical passives and active sentences – in the history of Portuguese in order to show that the so-called “passive-SE” constructions should not be analysed as passives but as active sentences, based on data extracted from the Tycho Brahe Corpus. The attested change in the position of subjects from Classical Portuguese to European Portuguese does not affect indefinite-SE constructions, but affects passives and active sentences. The quantitative method is thus valid as a way of proving a theoretical analysis for sentence structure in Portuguese.

Keywords/Palavras-chave: position of subjects, syntactic change, indefinite-SE, passive constructions.

Introdução

Este trabalho traz uma descrição e análise de construções com SE na história do português, com base em dados extraídos do Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brahe, de modo a mostrar que as chamadas construções com SE consideradas passivas sintéticas devem de fato ser consideradas estruturas diferentes das passivas, pelo menos a partir do século XVIII. Essa afirmação se baseia numa análise quantitativa da evolução da ordem dos constituintes em três construções distintas: as construções com SE chamadas tradicionalmente de “passivas sintéticas”; as passivas analíticas e as construções ativas. O objetivo principal é mostrar, a partir da evolução da ordem dos constituintes, que as construções com SE não devam ser consideradas passivas (sintéticas), mas sim construções ativas, tal como proposto por Raposo e Uriagereka (1996), e que o seu argumento interno, quando anteposto, se comporta como um objeto anteposto. Para tanto, comparamos a evolução dos argumentos pré-verbais da seguinte maneira:

- (A) Nas construções com SE, comparamos a evolução da anteposição do argumento interno que desencadeia a concordância com o verbo e é geralmente analisado como sujeito, chamadas aqui de construções com SE-indefinido.

Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011, pp. 153-167

* Gostaríamos de agradecer aos pareceristas anônimos que leram e deram valiosas contribuições ao trabalho, que procuramos seguir na revisão do texto. Os equívocos remanescentes são de nossa responsabilidade.

(B) Nas construções passivas analíticas, comparamos a evolução dos argumentos sujeito pré-verbais em relação à posposição.

(C) Nas construções ativas, comparamos a evolução da anteposição do sujeito, considerando as construções com outros tipos de SE (inerente, ergativo, reflexivo, recíproco).

Em (1), apresentamos exemplos de anteposição e posposição do argumento das construções com SE-indefinido aqui consideradas; em (2), apresentamos exemplos de sujeitos pré-verbais e pós-verbais nas passivas analíticas; e em (3) apresentamos os sujeitos de construções com SE-não-passivo pré-verbais e pós-verbais:

(1)a. Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estranhos... (C. M. Costa, n. 1601)

b. Por estes jogos, mais que pelo curso do sol, **se contavam** e distinguiam os annos. (Vieira, Sermões, 1608)

(2)a. Seu corpo foi enterrado o mais solemnemente que pôde ser, com grande dor, e sentimento de todos, de que era muito amado, como era razão o fosse um Rei, que tinha saído das trevas de sua cegueira, e entrado na luz da verdade do Evangelho. (Diogo do Couto, n.1542)

b. Aberto assim, e desembaraçado o caminho, **foi** outra vez o expulsado Padre Manoel de Souza admitido ao Gurupá; (Barros, 1675)

(3)a. As festas da Bélgica não se repetem todos os anos. (Ortigão, 1836)

b. com a vida **se acaba** o respeito, a grandeza, e o poder, (Aires, 1705)

Nosso objetivo, com essa comparação, é mostrar que o comportamento do DP argumento interno das construções de SE-indefinido (tradicionalmente chamadas passivas sintéticas) difere do comportamento de outros DPs sujeitos, como o DP que aparece nas construções ativas e passivas analíticas, mas parece se assemelhar ao comportamento dos DPs objeto direto. Além disso, objetivamos relacionar nossos resultados empíricos a uma mudança paramétrica atestada para o português que envolve a posição de sujeito e a posição de clíticos (cf. Paixão de Sousa, 2004; Galves & Paixão de Sousa, 2005).

Com relação à posição sujeito, Paixão de Sousa (2004) e Galves e Paixão de Sousa (2005) mostram que a gramática do Português Clássico (séculos XVI e XVII) não apresentava uma posição à esquerda específica para o sujeito, mas sim para onde se movem os elementos topicalizados. A partir do século XVIII, entretanto, estão disponíveis duas posições à esquerda do verbo: uma mais adjacente de sujeito e uma posição de tópico. Esse tipo de análise se relaciona à análise que desenvolvemos neste trabalho, uma vez que para haver uma interpretação passiva-indefinida nas construções com SE-indefinido estamos diante de duas posições distintas disponíveis à esquerda do verbo, consoante a análise de Raposo & Uriagereka (1996).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos as questões relacionadas à posição do sujeito (1.1); às construções com SE-indefinido (1.2). Na seção 2, apresentamos as hipóteses levantadas a partir da relação existente entre a mudança que ocorre no comportamento dos sujeitos ao longo do tempo (cf. Paixão de Sousa, 2004) e a análise de Raposo & Uriagereka (1996) para as construções com SE-indefinido. Na seção 3, apresentamos os resultados quantitativos e a interpretação dos mesmos em relação às hipóteses levantadas.

1. As construções com SE a posição do sujeito em Português

1.1 A posição do sujeito e a proeminência do tópico

Paixão de Sousa (2004), ao analisar dados do retirados do Corpus Tycho Brahe identifica duas mudanças relacionadas à emergência da gramática do Português Europeu: a posição do sujeito e a ênclise. Em primeiro lugar, em textos dos séculos XVI e XVII, os padrões de VS em geral em sentenças matrizes e principais (combinando XVS, VS inicial, etc) são mais frequentes do que nos textos dos séculos XVIII e XIX: de uma faixa de 18% - 20% para uma média de 8% - 9%. Em segundo lugar, dentre os diferentes tipos de VS, o padrão que apresenta a queda mais acentuada na frequência dos séculos XVI e XVII para os séculos XVIII e XIX são construções XVS em que há razão para acreditar que X é um constituinte pragmaticamente proeminente. E dentro desse grupo, a ordem XVSX (onde o sujeito pós-verbal é seguido por outros constituintes do sintagma verbal) apresenta ainda uma queda mais acentuada, e simplesmente não é atestada em textos do século XIX.

Isso levou Paixão de Sousa (2004) a afirmar que os sujeitos pós-verbais nos textos dos séculos XVI e XVII correspondem a Inversões Germânicas, enquanto sujeitos pós-verbais nos textos dos séculos XVIII e XIX correspondem a Inversões Românicas (e, neste sentido, a evolução do Português Europeu seria semelhante ao que foi descrito para outras línguas românicas, como o espanhol, cf. Fontana, 1993). Isso significa que XVS do Português Clássico não é propriamente “inversão do sujeito”, mas sim, topicalização / frenteamento de X. De fato, Paixão de Sousa (2004) argumenta que em Português Clássico, não só XV, mas também todas as construções SV representam uma estrutura na qual o sujeito é promovido de sua posição de base, a posição pós-verbal, enquanto no PE moderno, a posição pré-verbal é a posição canônica para os sujeitos. Os fundamentos principais para essa afirmação estão no padrão de ordem que aparece: em textos escritos por autores nascidos até o final do século XVII, os padrões de frequência das construções SV seguem os padrões de frequência das construções XV, em geral; enquanto que em textos escritos por autores nascidos depois de 1700, os padrões de frequência das construções SV começam a manifestar particularidades em relação ao padrão XV. Dados sobre a variação da colocação dos clíticos fornecem evidências adicionais, revelando que, neste mesmo ponto no tempo (na virada do século XVIII)

quando a frequência da ordem XVS diminui, a ênclise deixa de ser um padrão marginal em contextos SV. Paixão de Sousa (2004) mostra a linha de tendência a seguir, contrastando XVS com SV com ênclise:

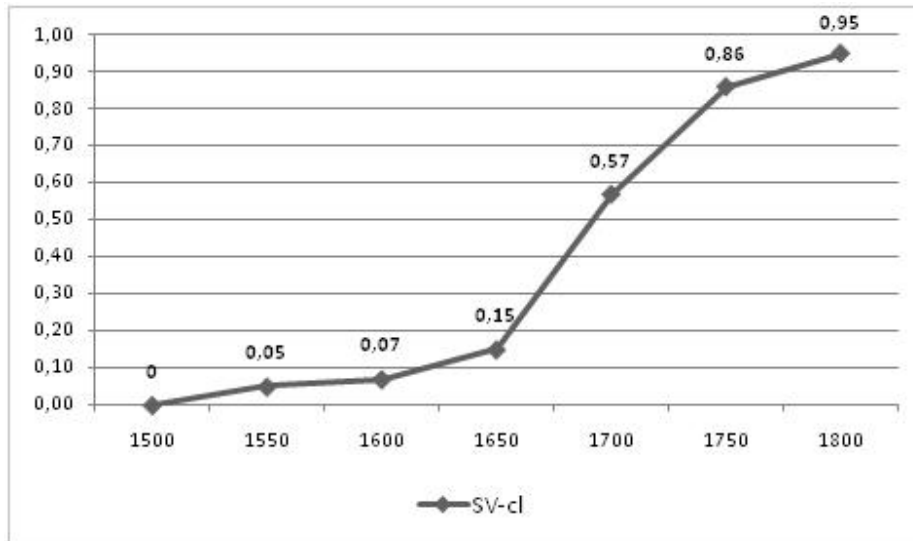


Gráfico 1: Evolução de SV com ênclise do século XVI ao século XIX (Paixão de Sousa, 2004)

Em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), Galves & Paixão de Sousa (2005), estes dados são ainda mais explorados, e tomados como reveladores da emergência de uma nova gramática, o Português Europeu, no início do século XVIII. A gramática moderna difere da gramática clássica, essencialmente, no que diz respeito à posição estrutural dos sujeitos. Paixão de Sousa (2008) propõe que a posição dos constituintes fronteados no Português Clássico é o especificador da projeção F (orç) que antecede o verbo e o núcleo T(ense), nas linhas de Raposo & Uriagereka (2005).

Neste trabalho, tomamos os resultados combinados dos estudos citados acima como reveladores de que até o século XVIII não havia uma posição pré-verbal específica para sujeitos em Português. Em vez disso, a posição pré-verbal pode ser preenchida por qualquer elemento fronteadado, como podemos ver pelo comportamento das sentenças XVS em textos do século XVI e XVII. Assumimos, seguindo Paixão de Sousa (2008), que a posição imediatamente pré-verbal no Português Clássico é uma posição de constituintes pragmaticamente proeminentes; fundamentalmente, esta posição pré-verbal não é uma posição de sujeitos, embora um constituinte pragmaticamente proeminente obviamente, pode (e em muitos casos, naturalmente, vai) coincidir com o sujeito gramatical.

1.2 As construções com SE: o “se-passivo” é uma passiva?

A maioria dos trabalhos¹ dentro do quadro teórico da Regência e Ligação argumentam que as construções com SE de verbo transitivo direto com concordância com o argumento interno plural são passivas (veja Manzini, 1986; Cinque, 1988; Dobrovie-Sorin, 1998). Assim, existiriam dois tipos de SE nas construções transitivas: o SE-passivo-acusativo e o SE-nominativo (também chamado de SE-impessoal e SE-genérico). O SE-passivo-acusativo seria aquele que aparece com verbos transitivos e desencadeia a concordância entre o verbo e o DP argumento interno (4); o SE-nominativo aparece com construções transitivas sem concordância e outros tipos de verbos (como inacusativos, cópula, intransitivos, etc.), como se vê em (5) e (6).

(4) **Vendem-se** salsichas no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka, 1996)

(5) **Vende-se** salsichas no talho Sanzot. (Raposo e Uriagereka, 1996)

(6) **Vive-se** bem no Rio de Janeiro.

Essa análise resolve o problema da concordância e da checagem de Caso uma vez que o DP argumento interno é analisado como um sujeito e pode estar ou na posição de sujeito ([Spec, T]), ou coindexado a ela. Por outro lado, esse tipo de análise levanta um problema concernente ao estatuto da posição “sujeito”, porque esse DP, quando pré-verbal, não apresenta comportamento semelhante ao de um típico sujeito. Uma solução para esse problema é dada por Raposo & Uriagereka (1996) para o PE: as construções de SE com verbos transitivos que apresentam concordância com seu argumento interno plural, como vemos em (7), são na verdade estruturas ativas, como são as construções sem concordância (8) e não se trata, neste caso, de SE-passivo:

(7) a. Ontem **compraram-se** demasiadas salsichas.

b. Essas salsichas **compraram-se** ontem.

(8) **Compra-se** sempre salsichas no talho Sanzot.

Raposo e Uriagereka (1996) chamam as construções com concordância de SE- indefinido e as sem concordância de SE-genérico. O ponto-chave da sua argumentação de que a estrutura não é passiva é que o DP argumento interno não está na posição sujeito ([Spec, T]), tampouco ligado a uma categoria vazia nessa posição, como tinha sido analisado na literatura gerativista sobre o tema. O problema, então, é como explicar a concordância. Sua análise divide-se, pois, em duas partes: a primeira em que eles levantam os dados empíricos para provar que o DP não se comporta como um sujeito e a segunda em que, se valendo da Teoria de Checagem de traços (Chomsky 1995), demonstram como se dá a concordância. Raposo & Uriagereka (1996) demonstram que o DP, quando movido da posição de objeto, ocupa, na realidade, uma posição na

¹ Não temos como nos referir a todos os autores que trataram sobre o tema nas limitações deste artigo, mas gostaríamos de salientar, como sugerido por um dos pareceristas anônimos, que Rafael Lapesa (1981) em sua *Historia de la lengua Española* foi o primeiro autor a mostrar, com dados do espanhol, que as estruturas ditas de “se passivo” são de fato ativas.

periferia esquerda da sentença, uma posição de tópico. E os argumentos são os seguintes:

Em sentenças infinitivas complementos de predicados adjetivos, um sujeito lexical pode ocupar a posição pré-verbal, tanto numa sentença ativa, quanto passiva (9). Nas construções com SE-indefinido, o DP só pode ocupar a posição pós-verbal, e não pré-verbal (10), o que pode indicar que esse DP não está na posição de sujeito:

- (9) a. Vai ser difícil os tribunais aceitarem os documentos.
 b. Vai ser difícil os documentos serem aceites.
 (10) a. Vai ser difícil aceitarem-se os documentos.
 b. * Vai ser difícil os documentos aceitarem-se.

A assimetria que existe na construção com SE-indefinido nas sentenças infinitivas desaparece nas encaixadas finitas: (11) mostra que é possível o DP aparecer numa posição pré-verbal, tanto na passiva quanto na construção com SE-indefinido. No entanto, Raposo & Uriagereka (1996) mostram que em sentenças encaixadas é possível a presença de um tópico, somente em sentenças finitas e não em encaixadas infinitivas, como mostra (12):

- (11) a. Vai ser difícil que os documentos sejam aceites.
 b. Vai ser difícil que se aceitem os documentos.
 (12) a. Vai ser difícil que esses documentos, o tribunal (os) possa aceitar.
 b. * Vai ser difícil esses documentos, os tribunais aceitarem(-nos).

Um outro conjunto de dados que mostra que o DP anteposto nas construções com SE-indefinido não ocupa a posição de sujeito, mas uma posição de tópico, refere-se às infinitivas complemento de verbos epistêmicos, como aparece nos contrastes a seguir:

- (13) a. Eu penso terem os soldados fuzilado os presos.
 (14) a. * Eu penso terem-se os presos fuzilado.
 b. Eu penso terem os presos sido fuzilados
 (15) a. Eu penso terem sido fuzilados os presos.
 b. Eu penso terem-se fuzilado os presos.

O exemplo (13) mostra que um DP sujeito pode ocorrer à direita do verbo auxiliar, que no caso em questão, sobe para um núcleo acima de T. Já o DP na construção SE-indefinido não pode ocorrer nessa posição, ao passo que o DP sujeito de uma passiva pode, como mostra o contraste em (14). Como (15) mostra, o DP argumento interno pode ocorrer na posição de objeto, tanto nas construções passivas, quanto na de SE-indefinido.

Um outro argumento está relacionado à questão dos “nomes nus”. No PE, os “nomes nus” só podem ocorrer na posição objeto e não na posição sujeito, como mostra o contraste em (16). Mas, “nomes nus” podem ocorrer numa posição de tópico, quando ligam uma categoria vazia na posição de objeto, mas não na posição sujeito, como mostra o contraste em (17). Como seria de esperar, nas construções com SE-indefinido,

os “nomes nus” podem ocorrer tanto na posição de objeto, quanto antepostos ao verbo, o que pode provar que esse sintagma esteja na posição periférica, como mostra (18):

- (16) a. O Nestor compra salsichas no talho Sanzot.
b. * Salsichas são compradas no talho Sanzot.
c. * Salsichas custam caro no talho Sanzot.
- (17) a. Salsichas, o Nestor compra cv no talho Sanzot.
b. * Salsichas, cv são compradas no talho Sanzot.
c. * Salsichas, cv custam caro no talho Sanzot.
- (18) a. Vendem-se salsichas no talho Sanzot.
b. Salsichas, vendem-se no talho Sanzot.

Ainda para ilustrar que o DP pré-verbal nas construções com SE-indefinido não ocupa a posição de [Spec, T], mas sim uma posição de tópico e se comporta como um tópico, Raposo & Uriagereka (1996, p. 756) se valem dos seguintes contrastes em (19):

- (19) a. **Consultaram-se** os especialistas durante a operação.
b. Os especialistas **consultaram-se** durante a operação.
c. Em que momento da operação os especialistas **se consultaram**?

A sentença (19a) recebe uma leitura indefinida. A sentença (19b) é ambígua entre uma leitura indefinida ou recíproca. Já para a sentença (19c), em que ocorre extração do adjunto “em que momento da operação”, só é possível a leitura reflexiva ou recíproca. Isso indica que uma leitura recíproca/reflexiva está associada à posição de [Spec, TP], uma vez que o adjunto ocorre numa posição mais à esquerda do sujeito.

Raposo & Uriagereka (1996) resolvem a questão da concordância entre verbo e seu argumento interno plural, argumentando que (a) SE é um “DP mínimo”, no sentido de possuir traços semânticos reduzidos {[humano], [indefinido]}, como PRO e, portanto, SE checa o traço D de T, e recebe, como PRO, Caso nulo e (b) no PE existem duas posições disponíveis para checar o nominativo, [Spec, T] e uma outra F(orce). Essa posição F encontra-se à esquerda de T. É nessa posição que o DP argumento interno vai checar o Caso Nominativo.

Desse modo, a ambiguidade de (19b) se explica a partir da existência de duas análises possíveis para a sentença, como se vê em (20): a representação em (20a) dá conta da interpretação indefinida, e a representação em (20b) dá conta da interpretação recíproca:

- (20) a. [_{FP} os especialistas [_F consultaram [_{TP} SE [_T ... [... durante a operação]]]]]
b. [_{TP} os especialistas [_T consultaram-se [... durante a operação]]]

Essa análise dá conta, portanto, da concordância entre o verbo e seu argumento interno plural, sem postular que o DP esteja na posição sujeito ou ligado a ela. Na verdade, o elemento que ocupa a posição [Spec, T] é o SE, como o SE-nominativo ou SE-genérico (das construções sem concordância).

A proposta de Raposo & Uriagereka diz respeito ao PE moderno, desconsiderando a mudança que possa ter ocorrido na história do português que envolve uma mudança de SE-passivo para SE-indefinido. Martins (2003) também se vale dessa análise e ainda apresenta construções do tipo “a gente sega-se os peixes” do PE não padrão, do dialeto da Madeira, para corroborar sua análise e propor que se trata de construções com duplo sujeito. Para Martins (2003), o SE-passivo é um “fóssil”; i.e., não é mais gerado pela gramática do PE. Essa autora argumenta que o “se-passivo” possui as seguintes características: limitação aos verbos transitivos, concordância obrigatória entre o verbo e o seu argumento interno e expressão opcional do agente da passiva. Essas características, seguindo Naro (1976), estariam ativas até o século XVI, inclusive no que tange à expressão do agente da passiva.

- (21) a. Como Josep **se conheceu pelos irmãosos**. (séc. 14, Naro, 1976:789)
 b. o mar remoto navegamos, que só **dos feos focas se navega** (séc. 16, Naro, 1976:781)

Naro (1976) propõe que na história do português tenha ocorrido uma reanálise gramatical no processo de aquisição em que as sentenças que apareciam sem o agente da passiva expresso foram interpretadas como sentenças ativas e em decorrência disso, surgem as construções sem concordância: a interpretação “impessoal” das construções passivas, segundo Naro (1976), só foi possível pois, (a) na construção com SE-passivo, o agente é opcional; (b) sob determinadas circunstâncias, como para ênfase, o sujeito pode seguir o verbo, constituindo-se uma ordem que ocorre tanto em passivas quanto em ativas, e não tem nenhuma relação especial com a construção com SE-passivo; e (c) em determinados contextos o pronome SE precede seu verbo (é proclítico).

Não discutimos aqui em detalhes sobre a mudança que ocorre na história do português de uma construção passiva para uma ativa, i.e., não estamos discutindo a mudança de SE-passivo para SE-indefinido, pois pretendemos mostrar que pelo padrão de ordem dos constituintes nas três construções analisadas aqui a mudança de se-passivo para se-indefinido tenha ocorrido antes do período de tempo analisado.

2. Hipóteses:

Os resultados que apresentamos neste trabalho, e em trabalho anterior (Cavalcante & Paixão de Sousa, 2009), podem ser considerados uma forte comprovação empírica de que de fato as construções com SE não devam ser analisadas como passivas. Desse modo, levantamos as seguintes hipóteses, fortemente relacionadas ao padrão estatístico que já conhecemos sobre a evolução dos sujeitos em sentenças ativas:

- (A) as construções de SE-indefinido se comportam como as construções passivas, isto é, o DP pré-verbal vai para [Spec, T], como vão os sujeitos das passivas e ativas;
 (B) as construções de SE-indefinido se comportam como ativas em que o DP argumento interno quando pós-verbal fica na posição de objeto, e quando pré-

verbal, vai para a posição de tópico [Spec, F], seguindo a análise de Raposo & Uriagereka, 1996.

Através da evolução comparada da posição dos argumentos de construções com SE-indefinido, passivas e construções ativas, vamos demonstrar que a análise de Raposo e Uriagereka (1996) se aplica não só ao PE, mas também ao Português Clássico, no seguinte sentido: (a) se o DP das construções com SE-indefinido for de fato um sujeito, então o comportamento deste DP ao longo do tempo será semelhante ao comportamento dos sujeitos, por isso a comparação com passivas e ativas; (b) se o DP das construções com SE-indefinido não é um sujeito, mas sim um objeto, seu comportamento será diferente do comportamento do sujeito das outras construções. A mudança que ocorre do PCI para o PE afeta somente os sujeitos, e não afeta, portanto, as construções de SE-indefinido. Neste aspecto, esperamos encontrar, do ponto de vista evolutivo, dois quadros: um quadro de mudança, i.e., um aumento na frequência de sujeitos pré-verbais de construções ativas e passivas e um quadro de estabilidade, i.e., uma variação estável na frequência de DPs pré-verbais das construções com SE-indefinido.

3. Resultados

O banco de dados para a análise se constitui de 1714 dados de sentenças matrizes e principais de 19 textos de 18 autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX que compõem o Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe – Corpus Tycho Brahe². As sentenças ativas deste trabalho, como já dito anteriormente, são aquelas construções com SE-não-passivo, i.e., construções com SE inerente, recíproco, reflexivo, ergativo, diferentemente dos dados analisados por Paixão de Sousa (2004 e 2008), justamente como um outro aspecto de comparação. A distribuição geral das estruturas estudadas encontra-se a seguir no quadro 1:

	Oco.	%
SE-indefinido	952	56%
SE-não-passivo	588	34%
Passivas	174	10%
Total	1714	100%

Quadro 1: Distribuição dos dados por tipo de estruturas analisadas

² Os autores contemplados: Fernão Mendes Pinto (1510-1583) *Peregrinação*; Diogo do Couto (1542-1606) *Décadas*; Luis de Sousa (1556-1632) *Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*; F. Rodrigues Lobo (1579-1621) *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*; Manuel de Galhegos (1597-1665) *Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve nesta corte*; Antonio Vieira (1608-1697) *Cartas e Sermões*; J. Cunha Brochado (1651-1735) *Cartas*; Maria do Céu (1658-1753) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Ellena da Crus*; Andre de Barros (1675-1754) *Vida do apostólico padre Antonio Vieira*; Cavaleiro de Oliveira (1702-1783) *Cartas*; Matias Aires (1705-1763) *Reflexão sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a Fortuna*; Antonio Verney (1713-1792) *Verdadeiro Método de Estudar*; Antonio da Costa (1714-1780) *Cartas do Abade António da Costa*; Correia Garção (1724-1772) *Obras Completas*; Marquesa D’Alorna (1750-1839) *Cartas*; Almeida Garrett (1799-1854) *Viagens na Minha Terra*; Marques de Fronteira e Alorna (1802-1881) *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*; Ramalho Ortigão (1836-1915) *Cartas a Emilia*. Os textos estão disponíveis em <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>.

A análise dos dados está organizada da seguinte forma: em primeiro lugar, apresentamos a evolução dos DPs nas construções com SE-não-passivo, SE-indefinido e passivas analíticas por média por séculos. Em seguida, apresentamos o comportamento de um autor em dois textos, nos moldes da análise de Galves (2002), para mostrar o efeito do estatuto informacional na frequência de argumentos pré-verbais. Vamos comparar o percentual de DPs pré-verbais dessas construções nos Sermões e nas Cartas do Padre António Vieira.

O Gráfico 2, a seguir, apresenta os percentuais de argumentos pré-verbais (em comparação com os pós-verbais) nas três construções estudadas por média em séculos. Estes resultados confirmam as hipóteses levantadas em 2 acima: uma curva de mudança para as construções que envolvem sujeitos pré-verbais (passivas e construções com SE não-passivo), i.e., um aumento no percentual de sujeitos pré-verbais ao longo do tempo; e uma estabilidade para as construções de SE-indefinido, com frequência de argumentos antepostos mais baixa em comparação com as outras duas construções.

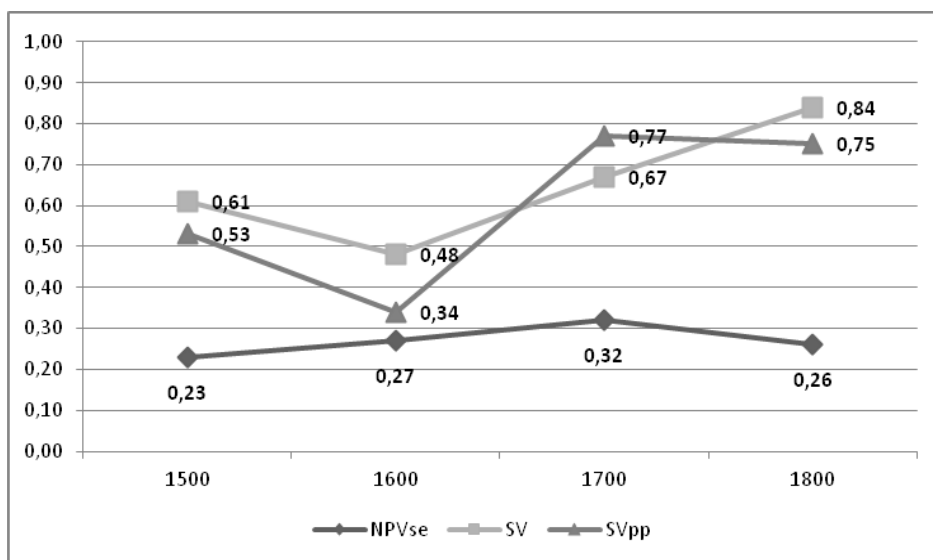


Gráfico 2: Evolução da anteposição dos argumentos nas construções com SE-indefinido, ativas (com outros SE's) e passivas canônicas ao longo do tempo³

Em relação à hipótese (A), os resultados diacrônicos mostram que as construções de SE-indefinido não podem ser analisadas como passivas devido ao comportamento diferente que elas apresentam em comparação com as outras construções de SE (reflexivo, recíproco, inerente, etc.) e passivas analíticas. Se considerarmos o

³ Neste gráfico, “NPVse” refere-se ao percentual de argumentos pré-verbais (em relação aos pós-verbais) nas construções com SE-indefinido; “SV” refere-se ao percentual de sujeitos pré-verbais (em relação aos pós-verbais) nas construções ativas (outros SE's); e “SVpp” refere-se ao percentual de sujeitos pré-verbais (em relação aos pós-verbais) das construções passivas analíticas

comportamento dos constituintes pré-verbais nas três construções, entre os séculos XVI e XVII, podemos notar que eles se comportam da mesma maneira, i.e., ocorre uma frequência maior de posposição; a partir do século XVIII, vemos um aumento na frequência de sujeitos pré-verbais nas passivas analíticas e nas construções ativas (aqui as construções com outros tipos de SE), tal como Paixão de Sousa (2004) e Galves & Paixão de Sousa (2005) mostram para a evolução da frequência de sujeitos pré-verbais em sentenças ativas com ênclise. A frequência de constituintes pré-verbais nas construções de SE-indefinido, entretanto, se mantém estável e numa taxa inferior aos sujeitos pré-verbais das outras construções.

Esses resultados nos levam à hipótese (B): o DP argumento interno das construções de SE-indefinido se comporta como um objeto ao longo da história do português, se comparado ao comportamento do objeto direto em sentenças transitivas ativas. De fato, tal quadro permite argumentar que o caráter “passivo” ou “ativo” dessas construções deva ser entendido em termos da posição que o DP ocupa na sentença, e não à morfologia presente no verbo. Desse modo, se consideramos o comportamento de sujeitos ao longo dos séculos XVI a XIX, vemos que o comportamento diferente envolvendo as construções de SE-indefinido pode estar relacionado à mudança que ocorre na posição pré-verbal entre os séculos XVII e XVIII e tem reflexos nas outras construções de SE, passivas analíticas e construções transitivas ativas, mas não construções de SE-indefinido. De fato, Gibrail (2010), ao analisar o comportamento dos elementos pré-verbais em contextos V2 na história do português, utilizando os dados do Corpus Tycho Brahe, observa um declínio na frequência de topicalização do objeto direto (de 10% entre os séculos XVI e XVII, para em torno de 1% a partir do século XVIII) ao passo que o índice de sujeitos fronteados aumenta a partir do século XVIII. Em (22) apresentamos exemplos do fronteamto de objetos com sujeito nulo, numa configuração do tipo V2:

- (22) a. Muitas coisas sabemos deste grande dia, todas grandes e temerosas, (Vieira, Sermões, n. 1608)
b. O vício sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; (Aires, n. 1705)

Podemos relacionar esses resultados ao padrão de DPs pré-verbais nas construções com SE-indefinido da seguinte maneira: em polos opostos se encontram os sujeitos e os objetos pré-verbais, enquanto os primeiros apresentam uma taxa de subida que se acentua a partir do século XVIII, os segundos apresentam uma queda que também se acentua a partir do século XVIII. As frequências de DPs pré-verbais nas construções com SE-indefinido estão entre o aumento da frequência de sujeitos pré-verbais e a queda na frequência dos objetos topicalizados. Esse padrão estatístico pode ser devido ao fato de esses DPs apresentarem uma natureza diferente: são objetos que se assemelham a sujeitos. Para demonstrar que fatores pragmático-discursivos podem

influenciar a anteposição de argumentos, comparamos a frequência de argumentos pré-verbais nos Sermões e nas Cartas do Padre Antonio Vieira, seguindo a metodologia de Galves (2002): a frequência de ênclise nos Sermões é mais alta do que a de próclise, nos contextos e na época em que a próclise era mais frequente. As Cartas apresentam taxas de próclise mais altas do que os Sermões, igualando-se aos textos dos autores contemporâneos a Vieira. Galves (2002) associa o alto índice de ênclise nos Sermões a uma alta utilização de sentenças com tópicos contrastivos ao passo que os tópicos não-contrastivos favorece a próclise, conforme ilustramos com os exemplos em (23) de Galves (2002):

- (23) a. O Juízo com que Deus ha-de julgar aos que mandam e governam, ha-de ser um Juízo durissimo; porque aos pequenos conceder-se-há misericórdia; porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados: Potentes poter tormenta patientur. (Vieira, Sermões, n. 1608)
- b. Deus vos livre de vossas boas obras, e muito mais das grandes; os peccados soffremol-os facilmente; os milagres não os podemos soffrer. (Vieira, Sermões, n. 1608)
- c. D'esta distincção que o Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente, que o livro era da vida, liber qui est vitae, e que os livros eram da conta, porque pelos livros foram julgados os mortos: Et judicati sunt mortui ex his quæ scripta erant in libris. (Vieira, Sermões, n. 1608)

A mesma tendência observada por Galves (2002), é observada aqui o alto índice de argumentos pré-verbais, tanto nas construções ativas quanto nas construções de SE-indefinido pode ser explicado pela alta incidência de tópicos sejam eles contrastivos ou não.

O Gráfico 3 a seguir traz a comparação na frequência dos argumentos pré-verbais nas três construções estudadas⁴.

⁴ A frequência de sujeitos pré-verbais nas passivas analíticas não será levada em consideração aqui, devido ao baixo número de ocorrências encontradas: nos Sermões, foram encontradas sete ocorrências de passivas em sentenças matrizes / principais, todas com sujeito pós-verbal; nas Cartas, foi encontrada só uma ocorrência com sujeito pré-verbal.

CONSTRUÇÕES DE “SE-PASSIVO” NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS
E A POSIÇÃO DE SUJEITOS E COMPLEMENTOS

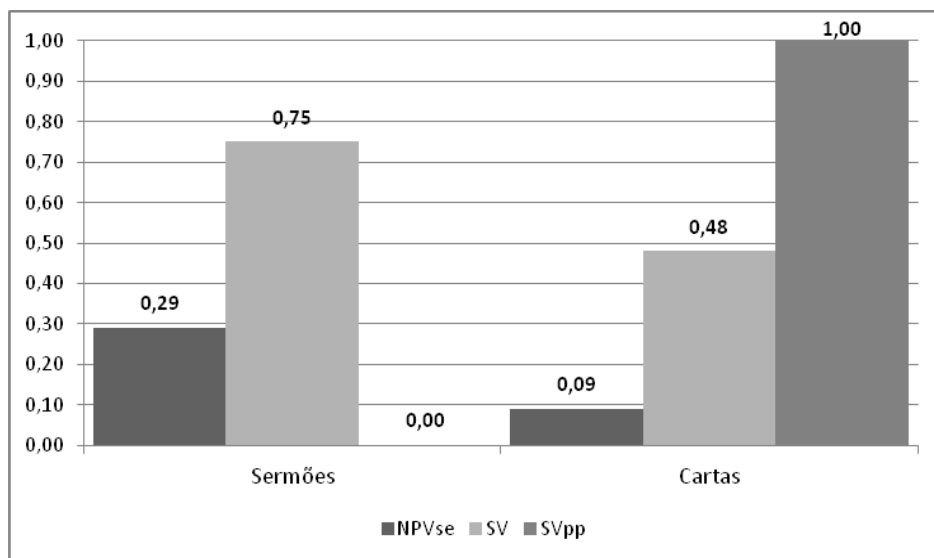


Gráfico 3: Padrão de DPs pré-verbais por construção nos textos do Padre Antonio Vieira

Os exemplos em (24) trazem os argumentos pré-verbais nos Sermões como tópico contrastivo e como tópico não-contrastivo; (25) mostra um caso de tópico (como pronome indefinido) nas Cartas de Vieira.

- (24) a. Os Juisos particulares que se fizeram na morte, esses mesmos são os que se hão-de publicar no Juízo universal e o Juízo não **se faz** quando se publica a sentença, senão quando se dá: (Vieira, Sermões, n. 1608)
- b. O terceiro Advento é particular e invisível, no qual vem o mesmo Christo julgar na hora da morte a cada um de nós e este Juízo **se faz** no instante em que a alma aparta do corpo (Vieira, Sermões, n. 1608)
- c. A prophecia humana consiste no verdadeiro discurso; o discurso verdadeiro não **se pôde fazer** sem todas as noticias; e todas as noticias só as pôde ter quem viu com os olhos. (Vieira, Sermões, 1608)
- (24) Tudo **se arma** contra esta gente, e em tudo peleja Deus por nós. (Vieira, Cartas, 1608)

O comportamento estatístico dos dados aqui apresentados pode indicar que a análise de Raposo & Uriagereka (1996) para o PE moderno pode ser aplicada para o PCI, pois nas duas gramáticas a taxa de DP pré-verbal das construções com SE-indefinido é mais baixa do que as taxas dos sujeitos pré-verbais, pois se trata de anteposição de um objeto, que se move para [Spec, F]. E objetos diretos deslocados possuem uma taxa de anteposição sempre mais baixa do que os sujeitos, seja numa gramática como o PCI, seja numa gramática como o PE, que é SVO (Gibrail, 2010).

Assim, tanto sujeitos quanto objetos no PCI se movem para a posição de especificador do núcleo F, enquanto no PE moderno, os sujeitos ficam em [Spec, T] e

os objetos das construções com SE-indefinido em [Spec, F]. Essa diferença se faz clara quando comparamos as frequências de constituintes pré-verbais nas Cartas e nos Sermões de Vieira: a alta frequência de argumentos pré-verbais, sejam sujeitos das construções ativas sejam os objetos das construções de SE-indefinido, pode ser explicada pelo alto índice de tópicos contrastivos que aparece nos Sermões e não nas Cartas.

Considerações Finais

Os padrões estatísticos confirmam as hipóteses levantadas: uma maior semelhança entre as construções passivas e ativas (com SE-não-passivo), por um lado, e as construções com SE-indefinido, por outro. A frequência de anteposição do argumento nas construções com SE-indefinido são sempre mais baixas do que as que envolvem a posição do sujeito; além disso, a partir do século XVIII podemos notar, nas construções que envolvem DPs sujeitos, um aumento significativo de frequência de anteposição, diferentemente do que ocorre com o SE-indefinido.

Os resultados podem ser interpretados seguindo Kroch (2009) que afirma que construções independentes gramaticalmente apresentam padrões estatísticos independentes. De fato, as construções com SE-indefinido não apresentam um comportamento estatístico semelhante às construções que envolvem sujeito, mas podem se aproximar das construções que envolvem topicalização de objeto, o que se configura como um problema a ser resolvido para a interpretação dos resultados.

Referências

- Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira & Maria Clara Paixão de Sousa (2009) Subject position and SE constructions in the history of Portuguese. Comunicação apresentada no *Going Romance XXIII - International Conference on Romance Linguistics*.
- Chomsky, Noam (1995) *The minimalist program*. Cambridge Mass.: MIT Press.
- Cinque, Guglielmo (1988) On si constructions and the theory of arb. *Linguistic Inquiry* 19, pp. 521–581.
- Dobrovie-Sorin, Carmen (1998) Impersonal si Constructions in Romance and the Passivization of Unergatives. *Linguistic Inquiry* 29, pp.399–437.
- Fontana, Josep (1993) *Phrase Structure and the Syntax of Clitics in the History of Spanish*. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania.
- Galves, Charlotte & Filomena Sandalo (2004) Clitic-placement in Modern and Classical European Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, Boston, v. 47, p. 115-128.
- Galves, Charlotte & Maria Clara Paixão de Sousa (2005) Clitic Placement and the Position of Subjects in the History of European Portuguese. Twan Geerts, Ivo van Geeneken & Heike Jacobs (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2003: Selected papers from Going Romance 2003*, vol. I, 97-113. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Galves, Charlotte (2002) Syntax and Style: clitic-placement in Padre Antonio Vieira. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Santa Barbara, v. 6, pp. 387-403.
- Gibrail, Alba (2010) *Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Kroch, Anthony (2009) Making the best use of bad data: Some case studies in quantitative historical

CONSTRUÇÕES DE “SE-PASSIVO” NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS
E A POSIÇÃO DE SUJEITOS E COMPLEMENTOS

- syntax. **Palestra** proferida no I Congresso Internacional de Linguística Histórica – Rosae, Salvador, julho 2009.
- Manzini, Maria Rita (1986) On italian si. In Manzini (org.) *Syntax and semantics: the syntax of pronominal clitic*. Florida, Academic Press.
- Martins, Ana Maria (2003) Construções com se: Mudança e variação no português europeu. In. Ivo Castro & Inês Duarte (eds.) *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, vol. 2, pp. 163-178.
- Naro, Anthony (1976) The Genesis of the Reflexive Impersonal in Portuguese: A study in syntactic change as a surface phenomenon. *Language*, pp. 779-811.
- Paixão de Sousa, Maria Clara (2004) *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, SP.
- Paixão de Sousa, Maria Clara (2008) Padrões de ordem sujeito-verbo do Português Médio ao Português Europeu Moderno. In Denilda Moura (ed.) *Os Desafios da língua: Pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, pp. 447-450.
- Raposo, Eduardo & Juan Uriagereka. (2005) Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View. In. Guglielmo Cinque & Richard Kayne (ed.) *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*, pp. 639-697. New York & Oxford: Oxford University Press.
- Raposo, Eduardo Paiva & Juan Uriagereka (1996) Indefinite SE. *Natural Language and Linguistic Theory*, pp. 749–810.